

Apresentação

LEONOR SAMPAIO DA SILVA

Assinalaram-se em 2019 os cinquenta anos da concretização de um velho sonho da humanidade: chegar à Lua. A alunagem da Apollo 11 foi um acontecimento histórico celebrado em todo o mundo e que viria a determinar não apenas o trabalho subsequente ao nível da exploração do espaço, mas o quotidiano da vida na Terra. A efeméride suscitou uma panóplia variada de comemorações, a que o CHAM não ficou indiferente. O contexto propiciava o debate em torno de diversas questões, que foram abordadas num colóquio internacional em que se procedeu a uma reflexão interdisciplinar sobre a variedade dos efeitos e das interpretações que a alunagem provocou nas Ciências e nas Humanidades.

Indicado o motor das páginas que se seguem, convém esclarecer que este livro, no entanto, não se constitui como um volume de actas, mas como uma publicação autónoma do colóquio, embora mantendo com ele uma relação de afinidade parcial. *Lua, fronteira da Terra* integra contributos de outros investigadores além dos que participaram no encontro. A matéria então tratada foi desenvolvida, aprofundada e enriquecida com textos diversos, incluindo dois testemunhos pessoais do sentido simbólico deste facto histórico.

A arrumação dos artigos obedeceu à intenção de espelhar a existência de dois modos diferentes de abordar a relação entre a Terra e a Lua. Se, por um lado, na sua distância e alteridade, a Lua convoca discursos em que o conhecimento se constrói por oposição e contraste, por outro lado, enquanto fonte de matéria onírica e artística, a Lua configura-se como uma extensão da Terra,

* Universidade dos Açores, CHAM e FCSH, Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4241-272X>. E-mail: maria.ls.silva@uac.pt.

o lugar mágico do divino, da beleza e do sonho. Foi assim que a dualidade de sentidos associados à noção de ‘fronteira’ – linha divisória e espaço de convergência – serviu para separar o discurso académico do ensaio pessoal.

As fronteiras constroem-se com método e desconstroem-se com imaginação. O método formula hipóteses, planifica estratégias, lança questões, procura respostas, identifica problemas, propõe soluções, compara, contrasta, avalia, buscando certezas, mesmo que provisórias. Por seu turno, a imaginação deleita(-se) com o surpreendente, o possível; emociona(-se) com frases, versos, imagens; cria cintilações na rede com que tenta agarrar a sempre esquiva verdade; enfrenta dúvidas e incertezas.

Assumimos aqui a Lua como fronteira da Terra, na dupla qualidade de planeta-satélite diverso e uno com a Terra, suscitando, de igual modo, reacções diversas nos planos intelectual e emocional. Sendo difícil identificar o ponto exacto em que o uno se torna dual, optou-se por mostrar a separação através do contributo da Ciência, da História, da Política Internacional, da Literatura, das Artes Visuais e da Comunicação para uma visão académica da alunagem. Cada uma destas áreas, ordenadas pela sequência aqui referida, oferece contributos reveladores do modo como a viagem da Apollo 11 modificou mentalidades e representações do mundo, alterando o conhecimento e a vida quotidiana. Chegar à Lua foi uma forma de nos apercebermos da beleza do nosso próprio planeta, ao vermo-lo *de fora*. Foi também uma tomada de consciência da importância que teria de ser assumida pela comunicação desta aventura.

Faltava, porém, a perspectiva *de dentro*, desconstrutora dos formalismos e unificadora dos discursos. Convidámos dois mestres na desconstrução de barreiras para acrescentarem à visão académica os seus testemunhos pessoais. A desconstrução da fronteira, assinada pela americana Susan Burkat Trubey, que fez dos Açores o seu local de residência, e pelo português Onésimo Teotónio Almeida, que elegeu os EUA para o mesmo fim, reúne memórias, informações e emoções num imaginário literário e pessoal que humaniza a visão que se pretendeu global deste feito histórico. Ficou, assim, completo o quadro possível da Lua enquanto paisagem tão diferente e tão nossa quanto a terra e o mar.

Agradeço a todos quantos tornaram possível a viagem aqui revisitada a um lugar e a um tempo que sempre nos acompanharão e certamente continuarão a suscitar reflexões e escritas. É também esta a função da fronteira: projectar desejos e caminhos para o futuro.